

GESTO E FALA NA LINGUAGEM DA CRIANÇA COM AUTISMO

Flávia Gonçalves Calaça de Souza – UFPB – flavia.ufpb@hotmail.com

Juciane Nóbrega Lima – UFPB – jucy.nobrega@gmail.com

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como o objetivo refletir sobre a ideia de que a linguagem da criança com autismo tem função comunicativa partindo do pressuposto que a concepção de língua multimodal é de suma importância para a compreensão dos processos de interação do autista.

As discussões sobre o autismo estão fortemente presentes no discurso da Educação Especial e Inclusiva por ter como base a instituição da Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012 que propõe uma Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista, como também os princípios universais na Declaração Universal dos Direitos do Homem e na Convenção Sobre os Direitos da Criança que apontam para atitudes frente ao autismo e outras síndromes. A partir desse pontapé, abriu-se o caminho para os estudos sobre a questão da formação de professores que estejam aptos para lidar com essas crianças além de uma maior preocupação com as metodologias de ensino utilizadas em sala de aula.

O autismo, segundo a definição de Wing (1985), é uma síndrome que possui comprometimento nos domínios da comunicação, da sociabilização e da imaginação. Os primeiros estudos sobre o autismo remetem ao psiquiatra Leo Kanner e seu trabalho de 1943 intitulado “Distúrbios Autísticos do Contato Afetivo” (KANNER, 1997). Nesse trabalho, foram analisados os primeiros meses de 11 crianças com as mesmas características clínicas, especialmente, o isolamento ou afastamento social. Esse autor ainda afirma que nessas crianças há a impossibilidade de desenvolver linguagem de maneira funcional, ou seja, ela apenas pronuncia palavras, mas não compreende os conceitos e o contexto em que esta inserida.

A maioria dos casos relatados na literatura geral deixam de analisar a linguagem não-verbal desses sujeitos e passam a enquadrá-los nos diagnósticos gerais sobre a linguagem nessa síndrome.

UM OLHAR SOBRE AS PERSPECTIVAS DE LINGUAGEM

Uma forte vertente da Linguística Teórica, o gerativismo, fundada a partir dos trabalhos de Noam Chomsky, entende que a aquisição de uma língua é muito mais algo que *acontece* com a criança do que algo que ela *faz*. Apesar de muitos pesquisadores não veem razão para separar o conhecimento linguístico do seu uso, os gerativistas veem que há diferença entre o que *sabemos* sobre uma língua e o que *fazemos* com ela. Isto é, o gerativismo assume que o nosso *saber linguístico* não é a mesma coisa do nosso *fazer linguístico* e que a língua é uma capacidade inata do ser humano (KENEDY, 2013). Nessa perspectiva, a linguagem é vista como um conjunto de princípios inatos ligados à cognição humana perdendo o seu caráter de aprendido. Para Chomsky, existem princípios comuns a todas as línguas e parâmetros específicos para cada uma delas.

Devido o interesse central dessa corrente ser a compreensão do funcionamento da mente a fim de constituir um modelo teórico que descreva as estruturas linguísticas utilizadas pelos falantes, não é do interesse do gerativismo qualquer fator extralinguístico. Ainda de acordo com Kennedy (2013), os gerativistas usam como dados para suas análises principalmente (1) testes de gramaticalidade, nos quais as frases são expostas a falantes nativos de uma língua, que devem intuitivamente distinguir entre gramatical e agramatical, e (2) a intuição do próprio linguista para fazer essas escolhas. Há também testes e experimentos psicolinguísticos e neurolinguísticos com crianças e adultos com e sem patologia. Tais metodologias são realizadas com a finalidade de descrever as operações computacionais dos falantes das línguas naturais independente do comportamento do indivíduo.

Embora a visão de língua proposta por Chomsky seja bastante relevante para a compreensão de certas expressões das línguas naturais, essa visão de língua não é suficiente para explicar a fala das crianças autistas que vem acompanhada dos gestos, já que, a interação delas estaria incluída no padrão de fala sem função comunicativa, descontextualizada ou até mesmo inadequada para a comunicação. Além disso, o gesto nessa perspectiva teórica não faz parte da língua, sendo considerado apenas um acessório dela. Essa concepção dissocia o sujeito e os gestos da noção de língua. Assim, alguns teóricos apresentaram outras propostas

na tentativa de explicar de forma mais completa como acontece a relação sujeito-linguagem.

A proposta de McNeill (1985, 2003) trata da relação multimodal da matriz gesto-fala. O autor faz pesquisas de psicolinguística examinando a relação entre o discurso e os gestos como um prisma inseparável. Eles são compreendidos como um único sistema:

Gesticulação é o movimento que incorpora significados relacionáveis com o discurso que o acompanha. Gesticulação é o tipo mais frequente de gesto no uso diário, que abrange muitas variações e usos. Ele é feito principalmente com os braços e as mãos, mas não se restringe a essas partes do corpo - a cabeça pode assumir como uma espécie de terceira mão se as mãos anatômicas são imobilizadas ou não envolvidas, e as pernas e os pés também pode mover-se em um modo de gesto (McNEILL, 1985, p. 180).

Ainda com referência em McNeil (1985, 2003), os gestos e a língua, então, são mais bem compreendidos como um único sistema por serem usados juntos durante o fluxo da comunicação. Ao mesmo tempo em que falamos, usamos a gesticulação. Ou seja, ambos são significados de nossas ações criados no momento do fluxo da fala.

Morgenstern (2010) faz um estudo com crianças surdas e ouvintes sobre o gesto de apontar. Nesse estudo é considerado que o movimento do gesto para o sinal esta relacionado ao surdo enquanto que o gesto para palavra esta ligada ao ouvinte. É importante ressaltar que ela considera como língua a palavra reconhecida, deixando de lado a transição discursiva (balbucio, jargão e holófase) que acontece no período de aquisição da linguagem.

No decorrer da sua argumentação, Morgenstern traz outra proposta além da noção clássica de gesto (WENER; KAPLAN, 1963; BRUNER, 1983 etc.) que vê o gesto como pré-linguístico representando apenas a habilidade da criança para discriminar objetos externos de suas próprias pessoas. Conforme propõe essa autora, não há uma ruptura entre gesto e linguagem, pois o gesto sempre existirá. O gesto integra o sistema linguístico. Podemos afirmar, então que o perfil desses estudos diferencia-se do proposto nos estudos formalistas (gerativismo) apresentando a multimodalidade na qual gesto e fala estão integrados numa única matriz.

É importante ressaltar que nesses estudos é focalizada apenas a criança em sua particularidade. Não é abordada a interação com o outro como também não são documentados os processos que acontecem até a aquisição da palavra.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É um desafio propor o melhor caminho para o ensino de crianças autistas diante das particularidades do diagnóstico e das características individuais apresentadas por cada uma. Como mostrado nesse artigo, a literatura não tem identificado a linguagem desses indivíduos como carregadas de sentido e eles enquanto sujeito de fala “imersos” nas práticas sociais.

Na noção de língua multimodal não se coloca a supremacia nem do gesto nem da fala. O gesto compõe a língua. Já que, o gesto mostra o ponto de vista do enunciador (McNEILL, 2003). Sendo assim, o gesto deve ser considerado no ensino de crianças autistas como sendo componente da língua.

Essa visão multimodal contribui para a compreensão de que há, sim, língua a ser explorada no autista, o que desconstrói a ideia de linguagem no autista proposta por Kanner (1997). Portanto, propomos um novo olhar nas práticas interativas entre aluno-professor a fim de ser considerado o conjunto do discurso seja ele oral ou não, pois eles podem ter significado para essas crianças.

A partir da visão defendida nesse artigo, acreditamos ser necessário fazer uma reanálise dos conceitos sobre a aptidão comunicativa de crianças autistas e inserir nas escolas métodos de ensino que facilitem a comunicação já existente. Em suma, concluímos apontado a necessidade de mudança nas práticas interativas entre a escola e a criança autista, já que ela é um sujeito que está imerso na linguagem.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº 12.764**, de 27 de dezembro de 2012. Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista. Brasília: Senado Federal, 2012.

CAVALCANTE, M. Rotinas interativas mãe-bebê: constituindo gêneros do discurso. **Investigações**, Recife, v. 21, p. 153-170, 2009.

FONTE, R. *et al.* A matriz gesto-fala na aquisição da linguagem. In: _____. **Aquisição, desvios e práticas da linguagem**. Curitiba: CRV, 2014.

KENEDY, E. Gerativismo. In: MARTELOTTA, M. E. **Manual de Linguística**. 2013.

KLIN, A. Autismo e Síndrome de Asperger: uma visão geral. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, São Paulo, v. 28, supl. 1, 2006.

KANNER, L. Os distúrbios autísticos de contato afetivo. In: ROCHA, P. S. **Autismos**. São Paulo: Escuta, 1997.

MCNEILL, D. So you think gestures are nonverbal? **Psychological Review**, v. 92, n. 3, p. 350-371, 1985.

_____. Pointing and Morality in Chicago. In: KITA, S. (Ed.). **Pointing: where language, culture and cognition meet**. Mahwah: Erlbaum, 2003.

MORGENSTERN, A. From gesture to sign and from gesture to word. In: ZLATEV, J.; ANDRÉN, M. (Orgs.). **Studies in language and cognition**. Cambridge Scholars Pub, 2009.

NÓBREGA, P. V. A. **Dialogia mãe-bebê: a emergência do envelope multimodal em contextos de atenção conjunta**. 2010. Dissertação (Mestrado em Linguística)– Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010.

WING, L. **Crianças a parte: o autista e a sua família**. Autismo na década de 80. São Paulo: Savier, 1985.